



## A INTELIGÊNCIA MILITAR NA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA: A EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE, NO ÂMBITO DO EXÉRCITO IMPERIAL DURANTE O SÉCULO XIX, DECORRENTE DA TOMADA DA FORTALEZA DE HUMAITÁ.

Getúlio Mattos Ribeiro Neto\*

### RESUMO

O presente trabalho estuda a História Militar, no que se refere à atividade da Inteligência Militar do Exército Imperial brasileiro no contexto da Guerra da Tríplice Aliança, durante o século XIX, no episódio da tomada da fortaleza de Humaitá.

Após o desastre que foi a Batalha de Curupaiti, em 1866, o Exército Imperial necessitava de um novo comando, o que foi atendido com a chegada do Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, então Marquês e futuro Duque de Caxias.

Curupaiti expôs graves problemas nas tropas aliadas, em particular as brasileiras, no que se refere ao levantamento de informações sobre o terreno e o inimigo, o que levou as tropas aliadas àquela fragorosa derrota, ocasionando mudanças significativas no Exército Imperial.

Assim, para a tomada da fortaleza de Humaitá, ação que comprometeria decisivamente o esforço de guerra paraguaio, Caxias precisava conhecer o terreno, o inimigo, os meios e forças morais, tanto de sua tropa, como da inimiga, e este era um dos maiores óbices a ser superado.

Então, o Marquês de Caxias reorganizou o Exército Imperial e, com o emprego de inovações tecnológicas, as tropas brasileiras evoluíram melhorando seu desempenho aumentando sua operacionalidade.

Palavras-chave: Inteligência Militar, Guerra da Tríplice Aliança, reconhecimento, balões cativos, telégrafo

---

\* Oficial da arma de Infantaria do Exército Brasileiro, Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), Mestre em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), Mestre em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) e Especialista em Inteligência pela Escola de Inteligência Militar do Exército (EsIMEx).



## 1 INTRODUÇÃO

O estudo da História, em particular da Militar, é uma das atividades importantes na formação continuada da profissão castrense. Contudo, a simples leitura dos fatos acontecidos não é o suficiente para se colher. Para isso, a leitura e a pesquisa devem ser seguidas de uma análise crítica destes fatos históricos.

O presente artigo aborda a evolução sofrida pela atividade de Inteligência Militar no âmbito do Exército Imperial brasileiro, no século XIX, durante a Guerra da Tríplice Aliança, também conhecida por Guerra do Paraguai.

Após o desastre que foi a Batalha de Curupaiti, em 1866, o Exército Imperial necessitava de mudanças profundas, o que foi atendido com a assunção de um novo Comandante-em-Chefe das forças brasileiras em operações, inclusive da Esquadra Imperial, o Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, então Marquês e futuro Duque de Caxias.

No que se refere à Inteligência Militar em operações militares, Caxias não poderia conduzir operações de combate eficientes sem dispor de informações suficientes e o mais precisas possível, sobre o terreno, o inimigo, os meios e forças morais, tanto de sua tropa, como da inimiga. Portanto, as mudanças deviam ser urgentes.

### 1.2. A INTELIGÊNCIA MILITAR

A atividade de Inteligência possui uma aplicabilidade variada. É um imperativo para as lideranças em todos os níveis decisórios, nos diversos campos do poder nacional. No campo militar do poder nacional, a Inteligência é denominada como militar.

Entende-se por Inteligência Militar:

... a atividade técnica-militar especializada, permanente exercida, com o objetivo de produzir conhecimentos de interesse do comandante de qualquer nível hierárquico, e proteger conhecimentos sensíveis, instalações e pessoal do Ministério do Exército contra ações patrocinadas pelos serviços de inteligência oponentes e/ou adversos.<sup>15</sup>

Nas operações militares, em todos os escalões, é fundamental a existência de informações o mais precisas possível sobre o inimigo, o terreno e as condições meteorológicas. O planejamento, sem conhecimento destes fatores, pode levar à montagem de uma operação destinada ao insucesso.

### 1.3 A INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES MILITARES

Segundo as Instruções Provisórias IP 30-1 (1999), a Inteligência nas operações militares pode ser compreendida como atividade técnica-militar especializada, exercida no planejamento e no curso de operações militares que, empregando a metodologia para a produção do conhecimento, disponibiliza conhecimentos necessários sobre o inimigo e o ambiente operacional para servirem de apoio ao processo decisório.

## 2. A GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA

A Guerra da Tríplice Aliança foi o maior conflito bélico ocorrido até os dias atuais, envolvendo nações da América do Sul. O conflito estendeu-se de dezembro de 1864 a março de 1870. No Brasil é também chamada de Guerra do Paraguai, na Argentina e no Uruguai de *Guerra de la Triple Alianza*, e, no Paraguai, de *Guerra Grande*.

<sup>15</sup> BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Instruções Provisórias (IP 30-1), A Atividade de Inteligência Militar (2ª parte - Intlg nas Op Mil)**, 1ª Ed. Brasília: EGGCF, 1999.



Após cerca de cinco anos, o Império do Brasil, a República Argentina e a República Oriental do Uruguai, aliados, derrotaram o República do Paraguai. Após a agressão guarani, o Brasil enviou em torno de 150 mil homens, dos quais por volta de 50 mil não voltaram.

### 3. A EVOLUÇÃO DA INTELIGÊNCIA MILITAR NO CONFLITO

A Guerra da Tríplice Aliança é considerada pela maioria dos historiadores como uma guerra moderna, de transição, entre o período napoleônico e a 1ª Guerra Mundial, equiparado-se à Guerra da Secessão americana, sendo a mais importante da América do Sul.

O conflito trouxe um avanço para o Exército. Após a guerra, foram revistos os regulamentos; os arsenais e hospitais foram multiplicados e espalhados pelo Império; a tropa foi rearticulada; iniciou-se a discussão acerca do Serviço Militar Obrigatório; entre outras.

#### 3.1 A Doutrina do Exército Imperial e a Inteligência Militar

Nos últimos cinquenta anos do século XIX ocorreram no Brasil profundas transformações na estrutura do Exército, refletindo a nova mentalidade dominante no mundo. Assim, o Império necessitava de forças em condições de manter a integridade territorial do Brasil face aos vizinhos e, plano interno, contra as ameaças separatistas.<sup>16</sup>

Este foi um período significativo para História Militar brasileira. Contudo, antes da independência, destaca-se a ação da Coroa lusa, no século XVIII, para a defesa do Brasil, em função da

reorganização Exército português, segundo o Regulamento do Conde de Lippe.<sup>17</sup>

Em consequência de sua condição de colônia de Portugal, não ocorreu uma significativa evolução na doutrina militar lusa para combater no ambiente brasileiro.

Ainda conforme Moura (2006), quando da transmigração da Família Real portuguesa para o Brasil, em 1808, a Coroa lusa promoveu uma grande evolução militar, ao replicar a sua infraestrutura política no Brasil. Destaca-se a criação, em 1810, da Academia Real Militar.

Após as revoltas do período regencial, com experiência adquirida, em 1855, o Exército, por determinação de Caxias, então Ministro da Guerra, passou por uma renovação em sua doutrina, onde se procurou enquadrar a tática às exigências da realidade brasileira. Contudo, ainda eram marcantes as influências portuguesa, britânica e francesa.

No que se refere à atividade de Inteligência, na época pode-se ver, de rudimentar, a participação das tropas de cavalaria no cumprimento das missões clássicas da arma, instituídas por Napoleão Bonaparte, no início do século XIX, empregou-as em missões de reconhecimento e segurança, de forma a conhecer as intenções do inimigo e, assim, prover-se da indispensável liberdade para tomar sua própria decisão.<sup>18</sup>

Para a época, a Cavalaria brasileira era “os olhos, as antenas e os nutrientes do Exército”<sup>19</sup>. Isto

<sup>16</sup> GIGIOTTI, João Carlos Jânio. **Estudo da História Militar vol II – Idade Contemporânea: da fase revolucionária ao Século XX**. Resende: AMAN, 2003.

<sup>17</sup> MOURA, Anderson Lima de. **A participação do Brasil na Guerra da Tríplice Aliança e suas contribuições para evolução do e Exército Brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2006.

<sup>18</sup> BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha (C 2-1), Emprego da Cavalaria**, 2ª Ed. Brasília: EGGCF, 1999.

<sup>19</sup> BURTON, Richard Francis. **Cartas dos campos de batalha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1997.



é, aquelas tropas se constituíam como uma das principais ferramentas para a aquisição de informações sobre o terreno e o inimigo, contribuindo para a tomada de decisões.

Na época, no âmbito do Exército não existia uma arma de Engenharia, entretanto, havia um corpo de engenheiros que tinha como missão organizar o terreno e proporcionar a transposição de pequenos cursos de água. Além disto, estes eram responsáveis pelos levantamentos topográficos essenciais para o levantamento de informações.

Em relação ao Exército Imperial na época, assim como nos demais exércitos do mundo, a atividade de Inteligência Militar estava voltada para o levantamento do inimigo e do terreno. Devido às limitações tecnológicas do período, não foi percebida uma preocupação por parte dos diversos comandantes com as informações sobre as condições climáticas.

Também, uma fonte muito relevante de conhecimentos era a cartografia e os seus levantamentos topográficos. Soma-se a este o uso de espiões e do interrogatório de prisioneiros e desertores.

Quanto à produção do conhecimento, ainda não existia explicitamente uma metodologia, esta cabia à intuição do chefe militar que fazia a utilização da “informação” disponibilizada, cuja confiabilidade estava sob a mesma ótica intuitiva. Da mesma forma não havia um processo para a integração dos conhecimentos sobre o terreno com os do inimigo.

Contudo, considerando-se o que preconiza as IP 30-2<sup>20</sup> para a atual atividade de Inteligência, a da

época atendia a um rudimentar ciclo do conhecimento, onde não havia claramente uma orientação para a obtenção de dados. Contudo havia uma produção incipiente, sem atender a uma metodologia, e uma clara utilização do conhecimento.

### **3.2 O fracasso da batalha de Curupaiti**

Após o sucesso em Curuzú, o Exército Imperial estabeleceu como objetivo a posição de Curupaiti. Assim como a anterior, esta também se constituía em uma posição defensiva avançada da Fortaleza de Humaitá.

A defensiva de Curupaiti foi bem sucedida, pois rechaçou, em 22 de setembro de 1866, o ataque conjunto da Marinha e do Exército, reforçado com tropas Argentinas. Resultou em quase 4 mil baixas aliadas contra 250 baixas paraguaias.

Podem-se destacar os erros cometidos pelos aliados, entre estes: reconhecimentos muito superficiais, não descobrindo sequer a natureza do terreno onde se iria ...; reconhecimentos mal conduzidos que levaram à informações incompletas sobre o inimigo.<sup>21</sup>

### **3.3 A Tomada da Fortaleza de Humaitá**

Neste momento passa-se a abordar a ação do Marquês de Caxias na condução da campanha militar. Naquele momento do conflito, ao reorganizar as forças imperiais, aquele chefe militar, entre outros feitos, valorizou em muito a atividade que hoje se denomina Inteligência nas Operações Militares.

#### **3.3.1 A ação do Marquês de Caxias**

<sup>20</sup> BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Instruções Provisórias (IP 30-2), A Produção do Conhecimento**, 1ª Ed. Brasília: EGGCF, 1997

<sup>21</sup> FRAGOSO, Augusto de Tasso. **História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 5 v., 1958.



A derrota em Curupaiti trouxe como uma das conseqüências a assunção do comando unificado do Exército e da esquadra da Marinha Imperial pelo Marquês de Caxias.

Ao chegar a Tuiuti, no dia 18 de novembro de 1866, Caxias deu início a várias mudanças. A situação do Exército Imperial em campanha era tão preocupante, que este só poderia pensar em operar ofensivamente contra o inimigo, após preparar as tropas.

Dentre tantas preocupações, Caxias necessitava de informações mais precisas sobre o inimigo e o terreno.

O problema do desconhecimento do terreno foi solucionado com o acionamento de reconhecimento pela Cavalaria, mas Caxias chegou a encomendar dois balões de observação para o reconhecimento das posições inimigas. Entretanto, Lopez também tinha suas contramedidas, ateadando fogo ao mato toda vez que o balão subia, para prejudicar a observação com a fumaça. (GIGOLLOTTI, 2003, p. 472)

### 3.3.2 O desbordamento de Humaitá (A Marcha de Flanco)

O plano de operações de Caxias consistia em desbordar e isolar Humaitá, cortando assim a ligação desta com a capital Assunção e com outras tropas paraguaias. Para isso concebeu uma manobra ousada, ao desbordá-la por uma estrada a construir sobre o Chaco, para cair, de surpresa, sobre a retaguarda profunda do adversário, cortando a citada ligação.

Seu plano implicava em correr risco calculado, ou seja: sacrificar o princípio de guerra Segurança, ao atravessar com o grosso de suas tropas uma região sujeita às inundações repentinas. Isto, em benefício do princípio de guerra Surpresa.

Mesmo sacrificando a segurança, Caxias não abriu mão da realização de reconhecimentos constantes. Como pode ser constado nas palavras de Gigolotti (2003, p.473), quando da realização da manobra de desbordamento: “Alcançada a região de Tuyu-Cué a 30 de julho, foram lançados reconhecimentos sobre o perímetro fortificado, em Ângulo e Espinillo e iniciou-se a ligação com Tuiuti através do Esteiro Rojas, bem como a instalação de linhas telegráficas”.

Caxias preocupou-se ainda com a segurança de Tuiuti, para isto, deixou tropas a comando do Barão de Porto Alegre, pois julgava que poderia ocorrer uma ação guarani na região. O marquês mostrou-se correto em sua apreciação da situação, que se confirmou a 3 de novembro de 1867. Esta seria a segunda batalha de Tuiuti, vencida pelas tropas aliadas, apesar de um aparente sucesso paraguaio.

### 3.3.4 O isolamento da Fortaleza de Humaitá

Um dos grandes objetivos aliados na guerra era a livre navegação do rio Paraguai, portanto, a tomada de Humaitá era vital. Com este intuito as forças terrestres e a Esquadra Imperial, contando com modernos navios blindados, realizaram várias operações conjuntas.

Assim que a fortaleza de Humaitá fosse isolada, cabia a Caxias a opção de deixá-la cair pela manobra, com o esgotamento dos seus meios ou conquistá-la, após um intenso fogo de preparação.

O Marquês de Caxias decidiu então tomar Humaitá rapidamente, para isso ordenou a execução de uma preparação de artilharia e o assalto às trincheiras de Humaitá com as forças do 3º Corpo de Exército, sob comando do General Osório.





Após a preparação, não houve fogo de contrabateria por parte dos paraguaios. O Marquês de Caxias ficou otimista com a possibilidade de que Humaitá tivesse sido evacuada e, portanto, podia ser conquistada tranquilamente.

Assim, determinou ao General Osório que reconhecesse a posição e, se possível, investisse sobre ela. Embora o efetivo paraguaio tivesse dado a impressão de ter abandonado a posição, Osório enfrentou uma feroz resistência guarani e amargou 1.019 baixas, entre mortos, feridos e desaparecidos.

A fortaleza de Humaitá só cairia em 25 de julho de 1868, após sua guarnição evacuá-la, seguindo para o Chaco, na margem direita do rio Paraguai.

### 3.4. A evolução da Inteligência

Muitos historiadores têm sido unânimes em adotar, pelo menos implicitamente, a perspectiva “determinista” quando tratam da Guerra do Paraguai, apresentando-a como a “primeira guerra moderna” ou “primeira guerra total” da América Latina. Assim como as guerras da Criméia (1853-1856) e da Secessão Americana (1861-1865), o conflito com o Paraguai (1864-1870) também testemunhou a presença de tecnologias bastante inovadoras para a época.<sup>22</sup>

Na visão do diplomata britânico Burton (1997, p. 28), até 1869 quando escreveu sua célebre obra “Cartas dos campos de batalha do Paraguai”, a Guerra da Tríplice Aliança era, talvez, a campanha militar mais digna de atenção travada no século XIX. Tais avanços transformaram a face da guerra de forma irreversível. Portanto, os avanços tecnológicos e táticos apresentados naquele conflito

podem ser equiparados aos dos conflitos supracitados.

Nas guerras acima mencionadas, a revolução tecnológica seria constatada pelos avanços tecnológicos da 2ª Revolução Industrial: o telégrafo; os navios blindados a vapor, encouraçados; os balões de observação e direção de tiro de artilharia; entre outros, que teriam produzido uma drástica transformação na tática.

Dentre as mudanças relacionadas à Guerra da Tríplice Aliança, pode-se notar ao longo daquele conflito uma evolução da atividade de inteligência, principalmente após a assunção do comando das tropas brasileiras pelo Marquês de Caxias.

#### 3.4.1 Operações de Reconhecimento

Uma das soluções à falta de informações foi a intensificação das operações de reconhecimento pelas tropas de cavalaria, pois como já dito anteriormente por Burton (1997, p. 330) a cavalaria brasileira, era “os olhos, as antenas e os nutrientes do Exército”.

Reconhecimento é a ação conduzida, em campanha, pelo emprego de meios terrestres e/ou aéreos, com o propósito de obter informações sobre o inimigo e/ou a área de operações.

É, também, pelo reconhecimento que se levantam as informações que permitirão ao comando realizar seu estudo de situação e formular seus planos de manobra. (C 2-1, 1999, 3-2)

Caxias procurou intensificar a realização de reconhecimentos que trouxeram resultados satisfatórios, como podemos constatar em Burton (1997, p. 287) com relação à tomada de Humaitá: “Em relação aos preparativos para o ataque a Humaitá, os paraguaios ficaram apavorados com o minucioso reconhecimento da circunvalação de

<sup>22</sup> DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



Humaitá levada a efeito pelo General Osório (a 16 de julho de 1868)”.<sup>23</sup>

Também sobre os reconhecimentos, os aliados mandaram várias expedições para reconhecer esta parte do país, que tiveram alguns entreveros com tropas paraguaias que se espalhavam ao longo de todo o território.<sup>23</sup>

Ainda sobre os resultados das operações de reconhecimento ao longo do conflito, observamos em Gigolloti (2003, p. 475) a contribuição no planejamento das ações de Caxias:

Caxias, após interrogar alguns prisioneiros feitos por Andrade Neves no dia 26, resolveu prosseguir sua marcha para o norte, atravessando o Arroio Jacaré, no dia 28 de agosto, já tendo obtido os informes de que López estava evacuando as suas posições do Tebicuari e se instalando próximo a Vileta, ao norte de Piquiciri.

No texto acima, pode-se observar que os reconhecimentos, além de produzir dados importantes, resultavam na captura de prisioneiros, que eram fontes de dados importantes. Ainda, em Burton (1997, p. 324) pode-se constatar o Marquês agregava dados obtidos junto aos desertores e aos espiões: “Pude observar que nenhuma das informações dadas por espiões, desertores ou prisioneiros merecia crédito, especialmente as relacionadas ao Marechal-Presidente López”.

Além dos reconhecimentos das tropas de cavalaria, Caxias valeu-se do Corpo de Engenheiros que realizaram reconhecimentos para a atualização da cartografia da região. No intuito de empregar pessoal com experiência, o Marquês fez contratar alguns especialistas estrangeiros, como o Tenente

Coronel R. A. Chodasiewicz, polonês de nascimento.

Chodasiewicz, por sua experiência em combate, principalmente na área de Inteligência militar, foi de grande valia para o Marquês de Caxias, não só nos levantamentos cartográficos, como também no levantamento de informações sobre o inimigo.

Além dos reconhecimentos citados, outros meios colaboraram com o levantamento de informações. Estes foram experimentados em outros conflitos, como a Guerra de Secessão Americana. Um destes foi o “mangrullo”, uma espécie de torre de observação. Sobre o assunto, Burton (1997, p. 322) afirma que “era uma simples fazenda paraguaia, uma paliçada .... Perto erguia-se um mangrullo realmente sólido, cujo três conjuntos de escadas comandavam a visão para o estuário do Tebicuari, distante cerca de quatro milhas.

Ainda segundo Burton (1997, p. 328):

Chodasiewicz havia proposto ao Marquês de Caxias o uso de um mangrullo móvel, aproveitando um estratagema dos Cossacos russos, porém o marquês não aprovou seu uso. Contudo, Caxias confiou a Chodasiewicz a utilização dos balões de observação, o que será abordado a seguir pelo presente trabalho.

### 3.4.2 Uso de balões cativos para a observação do campo de batalha

Balões cativos (presos a terra), inflados com hidrogênio, começaram a ser utilizados pelos franceses pouco antes das guerras da Revolução Francesa, em 1783, com os objetivos de levantar plantas dos terrenos de manobras e posições fortificadas do inimigo, descobrir-lhe os movimentos e guiar o fogo da artilharia amiga

<sup>23</sup> THOMPSON, George. **La Guerra del Paraguay**. Colección: Otra Historia. Asunción: Servilibro, 2003.



além do alcance da visão de seus artilheiros.<sup>24</sup>

A Guerra da Secessão Americana foi um dos momentos de grande emprego deste meio para missões de reconhecimento, levantamentos topográficos e para a condução de fogos de artilharia.

Em 1867, autorizado pelo Governo Imperial, o Marquês de Caxias contratou aeronautas norte americanos, após tentar os franceses. A utilização dos balões ficou a cargo do Corpo de Engenheiros imperiais, por intermédio do Tenente Coronel Chodasiewicz.

Logo que os balões chegaram surgiram os primeiros problemas. Um dos maiores foi a falta de combustível adequado para inflar o balão, o que foi solucionado com adaptações que minimizaram os problemas e pouco influíram no resultado dos reconhecimentos.

Sobre o emprego do balão, Burton (1997, p. 327) diz que:

... efetuou cerca de quatorze ou quinze subidas em Tuyu-ti e Tuyucué. Erguia-se de doze a dezoito metros e o tenente coronel Chodasiewicz, que acompanhou os donos, pôde facilmente perceber que o marechal-presidente López tinha cerca de 200 canhões em posição e 100 peças de artilharia de campanha. Após ter feito os primeiros reconhecimentos do perfil, os paraguaios começaram a atirar.

Em contrapartida à utilização dos balões por parte dos aliados, os paraguaios realizaram, o que se pode denominar uma ação de contra inteligência, com contramedidas às observações a que se pretendiam. Os paraguaios enfumaçavam o campo

com fogueiras e tiros de canhão<sup>25</sup>. Assim produziam nevoeiros artificiais que dificultavam o reconhecimento.

Também Burton (1997, p. 327) disse que os paraguaios não tardaram em aprender como neutralizar aquele engenho queimando montões de capim úmido.

Embora o emprego dos balões cativos se constituísse em um salto tecnológico para a época, em particular para a realidade sul-americana, seu emprego foi muito prejudicado, quer seja pelas condições meteorológicas, pelas limitações técnicas ou pela ação paraguaia.

### 3.4.3 Uso do telegrafo em operações militares

De todas as tecnologias militares ou civis, adaptadas ao meio militar [...], a telegrafia provavelmente foi a de maior impacto transformador na condução da guerra de 1864-70. O comando, até então habituado às comunicações sustentadas por estafetas a cavalo, passou a contar com um importante elemento de velocidade na transmissão de ordens e inteligência. (GONÇALVES, 2009, p. 74)

O telégrafo é um meio de comunicação que, pelos critérios atuais, integraria o sistema operacional denominado de Comando e Controle. Atualmente, pode-se afirmar que, a Inteligência acha-se intimamente ligada ao Sistema Operacional de Comando e Controle. Isto, pois, além do levantamento preciso dos conhecimentos para as operações de combate, é necessário que estas possam chegar ao comandante pelo meio mais rápido e seguro possível.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> GONÇALVES, Leandro José Clemente. **Tática do Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai entre 1866 e 1868**. 92f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Franca, 2009.

<sup>25</sup> CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai, 1865-1870**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.

<sup>26</sup> BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha (C 100-5), Operações**, 3ª Ed. Brasília: EGGCF, 1997.





A telegrafia militar surgiu como meio de comunicação a nível estratégica, no contexto da Guerra da Criméia. A aplicação em campanha do telégrafo ocorreu quando os franceses, em 1859, combateram a Áustria, na “Campanha da Itália”. Também as forças britânicas na Índia.

Todavia, foi na Guerra da Secessão Americana que a telegrafia tornou-se realmente relevante, nos campos estratégico, operacional e tático. Em operações de combate, os federais utilizaram os telégrafos de balões cativos para a condução dos fogos de artilharia.

Sobre o uso do telégrafo no Brasil, diz Geromel (1992):

Embora a telegrafia fosse uma realidade no Brasil desde 1852, ...na campanha de 1864 contra Aguirre, no Uruguai, o exército imperial ainda se valia da correspondência manuscrita para suas comunicações. Neste mesmo ano, a invasão paraguaia ao território do Mato Grosso encontrou o governo no Rio de Janeiro totalmente desprovido de comunicações com aquela província.<sup>27</sup>

Para Fragoso (1958, v. III, p. 209-210):

Na campanha da Guerra da Tríplice Aliança, no sul do Paraguai, as forças imperiais e aliadas não possuíam comunicações por telégrafo, de abril de 1866, desembarque aliado no Passo da Pátria, a novembro de 1867, assunção do comando das tropas brasileiras pelo Marquês de Caxias. Porém, as forças paraguaias de Solano López possuíam ligação telegráfica entre os postos de comando e suas principais posições defensivas e com a capital da República, Assunção.

Ainda citando Fragoso (1958), este afirma que o uso da telegrafia militar brasileira teve sua origem no comando do Marquês de Caxias, que “[...] criou, por meio de telégrafo elétrico, uma rede de ligações entre as unidades, a qual facilitava e garantia o comando”.

Ao executar a “marcha de flanco” em torno de Humaitá, de 22 a 31 de julho de 1867, e manobrando por 45.446 metros na área leste daquela posição, as tropas aliadas instalaram postes telegráficos, que garantiam a comunicação entre Tuyu-Cuê, o Posto de Comando do Marquês de Caxias e o acampamento base em Tuyuti.

Foi construída, além do supracitado, uma linha subterrânea entre os postos de comando de Caxias e de Osório, provavelmente para evitar que o fogo da artilharia paraguaia a cortasse.

Porém, a partir desta marcha de flanco dá-se uma importante inovação tática com sérias consequências estratégicas para os paraguaios: o uso de unidades de cavalaria brasileira e aliada para romper linhas telegráficas em torno de Humaitá.

O uso do telégrafo deu maior velocidade e confiança aos meios de comunicação da época. Se por um lado o telégrafo não pode ser colocado com um meio de obtenção de informações, por outro ele está diretamente ligado à atividade de inteligência por se tratar de um meio por onde circulam as mensagens que transmitem as informações levantadas. Tal fato possibilitou, aos diversos comandantes, a capacidade de decidir com maior oportunidade.

<sup>27</sup> GEROMEL, Antônio Sergio. Caxias, pioneiro da telegrafia em campanha. *A Defesa Nacional* n° 758. Rio de Janeiro: Bibliex, out./dez. 1992.



#### 4. CONCLUSÃO

Na Guerra da Tríplice Aliança pode-se observar que o desempenho das forças imperiais brasileiras colaborou decisivamente para a vitória aliada. Contudo, em solo paraguaio, o exército aliado demorou em obter uma vitória decisiva, devido a uma série de razões. Dentre estas se destaca o desconhecimento sobre o terreno onde se combatia e sobre o inimigo, uma deficiência que marca os registros das ações em campanha.

No transcorrer da campanha constata-se que a falta de “informações” redundou em uma derrota e em paradas nas operações, que comprometeram uma vitória rápida, que reduziria as perdas. Estas paradas eram fruto da indecisão, consequência do desconhecimento.

Ainda, observa-se a predominância, nos comandantes, de uma mentalidade que atribuía pouca importância ao levantamento dos conhecimentos necessários às operações. Portanto, naquela altura da campanha, a atividade de Inteligência Militar em operações militares, no âmbito do Exército Imperial Brasileiro, era ineficiente e quase inexistente.

Com Caxias, iniciou-se um trabalho de reorganização que, após dois anos, proporcionou à tropa a volta a uma postura ofensiva que o levou a vitória. Assim, o Marquês de Caxias necessitava de informações para o planejamento das operações, em particular para a tomada da fortaleza de Humaitá, o que comprometeria decisivamente todo o esforço de guerra paraguaio.

Caxias passa então a desencadear ações para o levantamento oportuno de dados, com destaque para: os reconhecimentos realizados pelas tropas de cavalaria; os levantamentos cartográficos realizados

pelo Corpo de Engenheiros; o uso pioneiro de balões cativos; e outros meios, como os mangrulhos.

Ao se consultar a literatura disponível, constatasse que os reconhecimentos de cavalaria trouxeram os maiores resultados. Estes, utilizando o que se chama atualmente de fontes humanas, eram mais precisos.

Ainda, pode-se mencionar o uso de espíões. Contudo, a literatura consultada não se aprofundou no assunto, mas estes foram muito empregados por Caxias na campanha.

A ação dos Engenheiros Militares com seus levantamentos cartográficos, contribuiu para a obtenção do conhecimento não só sobre o terreno, mas também sobre o inimigo.

Quanto aos avanços tecnológicos que contribuíram para a evolução da Atividade de Inteligência Militar, podem ser citados:

O uso dos balões cativos que, segundo alguns autores, não contribuiu tanto quanto se esperava, posto que seu emprego foi prejudicado pelas medidas adotadas pelos paraguaios, não obstante represente um grande avanço militar brasileiro tanto na obtenção de dados sobre o inimigo, como sobre o terreno.

O uso das torres de observação, os mangrulhos que, assim como os balões, colaboraram na obtenção de dados do terreno e do inimigo.

O telégrafo que acelerou a transmissão de mensagens (dados) deu maior velocidade e confiança ao fluxo de mensagens. Apesar de não ser um meio para o levantamento de dados, ele estava ligado à Inteligência, por se tratar de um meio por onde circulam os conhecimentos levantados. Isto possibilitou, aos diversos comandantes, a capacidade de decidir com maior oportunidade.



Assim, Caxias, para a superação do óbice, falta de conhecimentos necessários às operações militares, aplicou uma série de medidas que, se não conseguiram grandes resultados, determinaram uma mudança de mentalidade em relação à Inteligência Militar no Exército Imperial.

Finalmente, a nova mentalidade implementada pelo Marquês de Caxias em relação à Inteligência Militar colaborou decisivamente para o sucesso não só em Humaitá. A partir daí, e mesmo após a assunção do comando aliado pelo Conde D'Eu, genro do Imperador, os sucessos se somaram e determinaram a vitória final naquele conceito.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Instruções Provisórias (IP 30-1), A Atividade de Inteligência Militar (1ª parte - Conceitos Básicos)**, 1ª Ed. Brasília: EGGCF, 1995.
- . Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Instruções Provisórias (IP 30-1), A Atividade de Inteligência Militar (2ª parte - Intlg nas Op Mil)**, 1ª Ed. Brasília: EGGCF, 1999.
- . Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Instruções Provisórias (IP 30-2), A Produção do Conhecimento**, 1ª Ed. Brasília: EGGCF, 1997.
- . Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha (C 100-5), Operações**, 3ª Ed. Brasília: EGGCF, 1997.
- . Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha (C 2-1), Emprego da Cavalaria**, 2ª Ed. Brasília: EGGCF, 1999.
- BURTON, Richard Francis. **Cartas dos campos de batalha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997.
- CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai, 1865-1870**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
- DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FRAGOSO, Augusto de Tasso. **História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 5 v., 1958.
- GEROMEL, Antônio Sergio. Caxias, pioneiro da telegrafia em campanha. In: **A Defesa Nacional** nº 758. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, out./dez. 1992.
- GIGIOTTI, João Carlos Jânio. **Estudo da História Militar vol II – Idade Contemporânea: da fase revolucionária ao Século XX**. Resende: AMAN, 2003.
- GONÇALVES, Leandro José Clemente. **Tática do Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai entre 1866 e 1868**. 92f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Franca, 2009.
- MOURA, Anderson Lima de. **A participação do Brasil na Guerra da Tríplice Aliança e suas contribuições para evolução do e Exército Brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2006.
- THOMPSON, George. **La Guerra del Paraguay**. Colección: Otra Historia. Asunción: Servilibro, 2003.